



## DICIONÁRIO DO ANTIGO EGÍPTO

Nos princípios de Dezembro de 2001 saiu um *Dicionário do Antigo Egipto* que vinha sendo preparado desde há cerca de três anos. Trata-se de uma obra colectiva de autores portugueses, num total de vinte colaboradores, com mais de mil artigos em novecentas páginas, as quais incluem mais de cem ilustrações e ainda quatro cadernos de extratextos de imagens a cores. A Editorial Caminho achou por bem

# DICIONÁRIO DO ANTIGO EGÍPTO

DIRECÇÃO  
DE  
LUÍS MANUEL DE ARAÚJO



CAMINHO

Capa do *Dicionário do Antigo Egipto* (Editorial Caminho), mostrando uma jóia do espólio funerário de Tutankhamon (XVIII dinastia).

promover duas sessões de lançamento, uma para o meio académico e universitário, a qual teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (4 de Dezembro), e outra no Centro Cultural Casapiano (5 de Dezembro).

Tal como se recorda no preâmbulo, a ideia de criar no nosso país um dicionário dedicado ao Antigo Egipto foi nascendo, há uns dez anos, de conversas informais entre diversas pessoas que em Portugal se dedicam à investigação e ao estudo da civilização egípcia, quer por necessidades académicas e profissionais quer por salutar amadorismo. Inspiração não faltava: na altura eram (e são) vários os dicionários e os atlas sobre essa temática editados em diversos países da Europa, uns de carácter mais especializado e técnico, outros procurando captar um público muito diversificado. Amadurecida a ideia, e obtido o interesse da Editorial Caminho, foram então dirigidos convites a todas as pessoas que em Portugal produziram ou estão a elaborar trabalhos sobre o Antigo Egipto para redigirem artigos ligados às suas áreas de maior interesse, a que se juntaram especialistas relacionados com o estudo ou a docência de matérias que se interligam a vários níveis com a egiptologia: a hebraística, a assiriologia, a ugaritologia e os estudos greco-romanos.

No preâmbulo registam-se os justos agradecimentos ao Professor Doutor José Nunes Carreira, director do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ao Professor Doutor José Augusto Ramos, da mesma instituição, e ainda ao Dr. José das Candeias Sales, da Universidade Aberta, pela contribuição que deram na génese do projecto e pelo acompanhamento e conselhos no decurso da edição. Também é feito um agradecimento a Luís Miguel de Araújo que traduziu o original em catalão elaborado pelo Professor Doutor Josep Padró e que prestou um importante apoio de secretariado.

Assim se concebeu e se editou uma obra que é uma fonte de informação para o leitor lusófono e talvez um útil instrumento de trabalho para quem o quiser aproveitar. As centenas de artigos contemplam uma diversificada temática que vai desde a religião (o culto, os deuses, o clero), a cultura (a escrita, a língua, os textos literários), a arte (arquitectura, escultura, pintura, artes decorativas, iconografia), as técnicas, as mentalidades, a história política (reis, rainhas e personagens relevantes), a sociedade, a geografia, os recursos naturais, a fauna, a flora, etc. Teve-se igualmente em conta a arqueologia e a evocação de egiptólogos pioneiros e de nomes históricos ligados à divulgação ou ao estudo do Antigo Egipto. Para além do espaço físico do Antigo Egipto a temática abrange também os locais e as civilizações com os quais o país do Nilo esteve em contacto directo ao longo de vários milénios, da

Pré-História à Época Greco-Romana e Época Copta, abrangendo assim mais de três mil anos de história.

Entre os vinte colaboradores do Dicionário é natural que se detectassem diferentes opções no tocante, por exemplo, à forma de redigir alguns nomes próprios e comuns do Antigo Egípcio, e preferências diversificadas por datações e opções terminológicas. Por isso, procurou-se homogeneizar a terminologia respeitante à matéria versada, tendo os nomes egípcios sido passados para a forma portuguesa de acordo com a versão em português do *Multilingual Egyptological Thesaurus* (Utrecht e Paris, 1996), integrado no Projecto Champollion, dirigido por Dirk van der Plas, da Universidade de Utrecht (Centre for Computer-aided Egyptological Research). Trata-se de um projecto ligado a vários museus da Europa com colecções egípcias que estão a ser divulgadas com a ajuda da Comissão Europeia, e que conta ainda com o activo apoio do CIPEG (Comité Internacional para a Egiptologia). Os nomes clássicos referentes ao Egípcio seguiram as grafias propostas pela Professora Doutora Maria Helena Ureña Prieto em *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos* (Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT, Lisboa, 1995). Os nomes próprios bíblicos presentes no volume são os que constam na *Bíblia Sagrada*, tradução interconfessional em português corrente (Difusora Bíblica, Lisboa, 1993). Quanto à cronologia, seguiu-se a que foi adoptada para o catálogo de *Antiguidades Egípcias* do Museu Nacional de Arqueologia e que abre logo o dicionário, a anteceder os artigos. Com a cronologia de base segue também um mapa especialmente feito para a obra, contendo a toponímia essencial mencionada nas entradas.

\*  
\*   \*   \*

No dia 4 de Novembro de 2001 teve lugar na Faculdade de Letras de Lisboa a primeira sessão de lançamento do *Dicionário do Antigo Egípcio*. Presidiu o Professor Doutor José Nunes Carreira, director do Instituto Oriental, ladeado pelo Professor Doutor José António Segurado e Campos, a quem coube apresentar a obra, e pelo Professor Doutor Francisco Contente Domingues, em representação do Conselho Directivo da Faculdade de Letras. Estiveram também na mesa o Dr. Zeferino Coelho, em nome da Editorial Caminho, e o director do Dicionário.

Abriu a sessão o Professor Doutor José Nunes Carreira com as seguintes palavras:

«Antes da apresentação do Dicionário, a cargo do prestigiado Colega e Amigo Prof. Segurado e Campos, sejam permitidas duas pala-

bras ao fundador e director do Instituto Oriental. Palavras porventura supérfluas, mas não descabidas nem inúteis.

Sejamos claros e justos. A ideia e a sua concretização em obra são mérito do Prof. Luís Manuel de Araújo. Mas a verdade é que vi crescer e consolidar-se o projecto no Instituto Oriental, berço da actividade e em parte da formação científica do organizador. O Prof. Luís Manuel de Araújo é o segundo dos três doutores saídos do Instituto desde a sua fundação em 1986. Aos doutores juntam-se treze mestres, cinco destes preparando dissertação de doutoramento (quatro na Universidade de Lisboa, um na Universidade do Porto), e quatro irradiando o seu e nosso saber em instituições de ensino superior, público (Faro e Fafe) e privado (Lisboa).

Tenho plena consciência das limitações do que aqui fazemos, como o Prof. Luís Manuel de Araújo terá do seu *Dicionário*. Não fornecemos parangonas aos *media*, como aliás é timbre desta Escola. Mesmo assim, publicámos até agora dez números da revista *Cadmo* e vamos enriquecendo os catálogos das bibliotecas.

O *Dicionário do Antigo Egipto* é mais um título de que o organizador se pode orgulhar, como se orgulha o Instituto Oriental. Todos estamos certos dos limites de um trabalho feito quase todo com «prata da casa» lusitana e lisboeta. Seria preciso viver e respirar fora do horizonte internacional, o que não pode ser o nosso caso, para não reconhecer à léguas tais limites. Se há méritos (a novidade é inegável), outros que o digam.

Aos possíveis e prováveis críticos do Dicionário, suaves, moderados ou radicais que sejam (sobretudo aos últimos), deixo as palavras do autor de um bom e moderno Dicionário hebraico-alemão-inglês (a partir da 3ª edição só hebraico-alemão): “Não é preciso dizer-se que estou bem consciente das falhas do meu dicionário. Deve ser um gozo não ser seu autor, mas seu crítico. No entanto, talvez alguns críticos tomem consciência de que só encontram a justa medida para a sua crítica, se eles próprios empreenderem a tentativa de preparar apenas uma dúzia de páginas de um dicionário até à edição” (L. Koehler, in L. Koehler-W. Baumgartner, *Lexicon in Veteris Testamenti libros*, Leiden 1958, p. IX – Einleitung). Parafraseando e adaptando, aconselharia a preparação de «uma só dúzia» de entradas.

Aos críticos do editor científico do Dicionário e do Instituto Oriental recordo o velho e resignado Galileu, réu dos crimes de pensar cientificamente e ver o que os acusadores não viam: *epur si muove* – “todavia (a terra) move-se”. Sem alardes nos jornais e nas televisões, o Instituto Oriental e o seu colaborador Luís Manuel de Araújo “afinal mexem”».

Em seguida falou o Dr. Zeferino Coelho, director literário da Editorial Caminho e depois o director da obra, que recordou como o processo tinha começado e referiu várias dificuldades que foram vencidas para se cumprir o prazo previsto para o seu lançamento atempado. Sublinhou o facto de os colaboradores serem professores universitários que leccionam na Universidade de Lisboa, Universidade do Porto, Universidade Aberta, Universidade de Barcelona, Universidade Autónoma e Universidade Lusófona, além de mestres e mestrandos da área de História e Cultura Pré-Clássica. Os autores que foram convidados para redigir os artigos são de nacionalidade portuguesa, excepção feita ao Professor Doutor Josep Padró, da Universidade de Barcelona, mas que lecciona, como professor visitante, desde 1990 na Faculdade de Letras de Lisboa (no mestrado de História e Cultura Pré-Clássica).

Coube ao Professor Doutor José António Segurado e Campos apresentar o novo Dicionário, estabelecendo de forma muito sugestiva a ponte entre o mundo faraónico e o mundo greco-romano. A sessão terminou com uma breve alocução do Professor Doutor Francisco Contente Domingues, em representação do Conselho Directivo da Faculdade de Letras. Seguiu-se um beberete e um agradável convívio na Sala D. Pedro V.

No dia 5 de Dezembro realizou-se outra sessão, desta feita no Centro Cultural Casapiano, para um público mais alargado. Presidiu ao acto o Dr. Luís Manuel Rebelo, provedor da Casa Pia de Lisboa, estando presentes na mesa o Dr. Videira Barreto, provedor-adjunto e presidente da comissão instaladora do Centro Cultural Casapiano, o Dr. Zeferino Coelho, da Editorial Caminho, o director do Dicionário e o Professor Doutor António Dias Farinha, da Faculdade de Letras de Lisboa, convidado para apresentar a obra. A sessão terminou com um beberete nas excelentes instalações do Centro Cultural Casapiano (inaugurado no dia 3 de Julho de 2000 pelo presidente da República para comemorar os 220 anos da Casa Pia de Lisboa).

\*  
\*   \*  
\*

Como se afirma no preâmbulo, o novo Dicionário não tem a pretensão de rivalizar com o *Lexikon der Ägyptologie* (editado por Eberhard Otto, Wolfgang Helck e Wolfhart Westendorf, 1975-1986), verdadeira e indispensável «bíblia» da egiptologia, nem sequer de substituir alguns dicionários de tomo semelhante, como o *Dictionnaire de la civilisation égyptienne* (2.<sup>a</sup> edição, 1970), dirigido por Georges Posener com a colaboração de Serge Sauneron e de Jean Yoyotte, o *British Museum*

*Dictionary of Ancient Egypt*, de Ian Shaw e Paul Nicholson (1995), o *Dictionnaire de l'Égypte ancienne*, no qual colaboraram diversos autores (1998), e muito menos a recente *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, editada por Donald Redford (2000).

Indispensável para a construção de muitos dos verbetes de âmbito geográfico ou de topografia cultural se revelou o *Atlas of Ancient Egypt*, de John Baines e Jaromír Málek, que data de 1981 e que tem sido objecto de várias edições e traduções para diversas línguas (entre as quais o português, versão ainda assim melhor que a deplorável tradução francesa). Dos vários dicionários de temática egípcia que actualmente se podem consultar, uns tratam escassamente da Época Pré-Dinástica, outros não abordam a Época Greco-Romana, muitos esquecem a Época Copta, e outros não alargam a temática aos povos e às civilizações contemporâneas do Egito faraónico. Por outro lado, nem todos indicam no final dos artigos a bibliografia consultada ou os títulos que poderão auxiliar os leitores que pretendam investigar ou conhecer com mais pormenor certos assuntos. O novo *Dicionário do Antigo Egito* visa colmatar tais faltas, indo da Pré-História até à Época Copta, e procura dar uma visão ampla, e neste caso universal, do mundo então em contacto com o Egito, para facultar uma imagem da integração do país do Nilo e da sua rica civilização no tempo e no espaço. O tempo são milhares de anos se recuarmos à Pré-História e se prolongarmos o estudo até à Época Copta, quando os Egípcios eram já maioritariamente cristãos. Quanto ao espaço, é o que se designa tradicionalmente por Próximo Oriente Antigo, correspondente à velha noção de «Crescente Fértil», onde floresceram as brilhantes e ricas civilizações da Suméria e Acádia, Assíria e Babilónia, a Pérsia Aqueménida, o Império Hitita e os muitos reinos e Cidades-Estado da Síria-Palestina, incluindo as prósperas cidades costeiras de Ugarit, Tiro e Biblos e os reinos de Israel e Judá. Mas o Egito também estabeleceu relações com Creta, a Grécia e Roma: por isso não faltam as referências ao mundo grego, com quem o Egito teve sólidos e profícuos contactos, e ao mundo romano, que fez do velho país do Nilo um rico celeiro de trigo para consumo da Roma imperial.

Como se disse, os artigos são mais de mil, muitos deles ilustrados. A importância dos vários verbetes poderá, de certo modo, ser aquilatada pelo número de colunas a eles concedidas. Como exemplo aqui ficam alguns títulos: Egito (32 colunas), Maet (22), Lírica (22), Arte (21), Pirâmides (21), Contos (20), Mulher (16), Onomástica real (14), Karnak (12), Monoteísmo (12), Viajantes (12), Religião (10), Coptas (10), Ramsés I a XI (9). Seguem-se depois com 8 colunas Arqueologia, Faraó e Templo; com 7 colunas Arquitectura, Cosmogonia,

Egiptologia, Exército, Nome, Nome de Hórus, Nomeação, Ptolemeus e «Livro dos Mortos»; com 6 colunas Aton, Criação, Culto, Deus, Erotismo, Estatuária, Fauna, Jóias, Piramidologia, Rainha, Tutmés I a IV; com 5 colunas Amon, Akhenaton, Amenemhat I a IV, Amen-hotep I a III, Clero, Direito, Egiptomania, Guiza, Hieróglifos, Kadech, Lucsor, Música, Necrópoles, Península Ibérica.

Para a redacção dos artigos convidaram-se professores universitários, mestres que concluíram as suas teses nos cursos de mestrado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, portuguesas que frequentam no estrangeiro cursos de temática egiptológica mais especializada, ou antigos alunos que se distinguiram nos seus cursos de licenciatura ou de mestrado por trabalhos de investigação sobre o Egipto faraónico e que actualmente leccionam no ensino básico ou no ensino secundário.

\*  
\*      \*

Pretendia-se a colaboração de um maior número de pessoas ligadas ao estudo do Antigo Egipto e sem dúvida que se conseguiu reunir um grupo credível, entre os quais se contam aqueles que em Portugal mais têm publicado nos últimos dez anos na área de história pré-clássica. Os vinte colaboradores que aceitaram redigir os seus artigos para o *Dicionário do Antigo Egipto* são os seguintes:

Aline Gallasch Hall: Licenciada em História, variante de História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestranda em História e Cultura Pré-Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

António Ramos dos Santos: Doutorado em Letras (História Pré-Clássica) pela Universidade de Lisboa. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Cláudia Monte Farias: Licenciada em História, variante de História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestranda em Egiptologia no University College, Londres.

Cristina Chautard Correia: Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestranda em História e Cultura Pré-Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Geraldo Coelho Dias: Doutorado em Letras (História da Antiguidade) pela Universidade do Porto. Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Isabel Fernandes Simões: Mestre em Egiptologia pela Universidade de Paris IV (Sorbonne). Doutoranda na Universidade de Paris IV (Sorbonne).

José Augusto Ramos: Doutorado em Letras (História Antiga) pela Universidade de Lisboa. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

José das Candeias Sales: Mestre em História das Civilizações Pré-Clássicas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Assistente da Universidade Aberta, Lisboa.

José Nunes Carreira: Doutorado pela Universidade Gregoriana de Roma, com equivalência a doutoramento em Letras (História da Antiguidade) pela Universidade dos Açores. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e director do Instituto Oriental.

Josep Padró: Doutorado em Filosofia e Letras pela Universidade Autónoma de Barcelona. Professor da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Barcelona. Professor visitante da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Luís Manuel de Araújo: Doutorado em Letras (História Pré-Clássica) pela Universidade de Lisboa. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Luís Raposo: Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Director do Museu Nacional de Arqueologia.

Malgorzata Kot Acúrsio: Mestre em Egiptologia pela Universidade de Varsóvia, com equivalência a mestre em História e Cultura Pré-Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Maria João Machado: Mestre em História e Cultura Pré-Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Assistente da Universidade Autónoma de Lisboa.

Maria João Seguro: Mestre em História e Cultura Pré-Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Nuno Simões Rodrigues: Mestre em História e Cultura Pré-Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Paulo Mendes Pinto: Mestre em História e Cultura Pré-Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professor da Universidade Lusófona.

Pedro Malheiro: Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestrando em História e Cultura Pré-Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Rogério Ferreira de Sousa: Mestre em História e Cultura Pré-Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professor da Escola Superior de Educação de Fafe.

Rui Pedro Tremeceiro: Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professor do Ensino Básico.

***Luís Manuel de Araújo***